



**FACULDADE CALAFIORI**

**ANDREIA DONIZETE DOS SANTOS MACHADO**

**CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
lendas urbanas e folclore

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG**  
**2015**

ANDREIA DONIZETE DOS SANTOS MACHADO

**CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
lendas urbanas e folclore

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori,  
como parte dos requisitos para a obtenção do título  
de Licenciatura em Pedagogia.

**Linha de Pesquisa:** Alfabetização, Literatura e  
Linguagem.

**Orientador:** Prof. Esp. Claudio Manoel Person

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG**  
**2015**

**CONTOS DE FADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
lendas urbanas e folclore

**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AVALIAÇÃO:** ( ) \_\_\_\_\_

---

Professor Orientador: Esp. Claudio Manoel Person

---

Professor (a) Avaliador (a) da Banca: Ms. César Clemente

---

Professor (a) Avaliador (a) da Banca: Ms. Marília de Souza Neves

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG**  
**2015**

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu esposo, minha mãe, pelo amor, pelo respeito, pela educação, pelo carinho, pela paciência, pela tolerância e atenção que muito me incentivou nesta etapa de vida e com certeza me apoiará nas futuras a serem realizadas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por chegar até aqui ao meu esposo Marcos pelo carinho e dedicação.

Aos meus familiares e amigos, minha mãe que muito me ajudou no decorrer dessa caminhada.

Ao meu Professor Orientador Esp. Claudio Manoel Person.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação profissional e a realização desta monografia.

“O pensamento infantil é aquele que está sintonizado com esse pulsar pelas vias do imaginário”.

(PALO e OLIVEIRA, 2003, p. 11)

## RESUMO

Os contos de fadas e/ou contos folclóricos vem se apresentando como importantes auxiliares do trabalho docente no que tange a melhora do desenvolvimento cognitivo de alunos do ensino infantil. Desta maneira, pretendeu-se realizar um estudo sobre como os contos contribuem de fato no desenvolvimento cognitivo, além de suas contribuições e influências para o desenvolvimento efetivo da criança. Características de uma revisão bibliográfica foram utilizadas como base estudos de Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich entre outros. Além disso, o presente estudo trata sobre a importância de se manter um ambiente organizado e propício para o desenvolvimento e à aquisição de conhecimento, além de propor ao professor a utilização de métodos alternativos ao discorrer sobre os contos em sala de aula, causando um impacto maior sobre as crianças. A abordagem qualitativa favorece as interações acerca das teorias, além de uma melhor reflexão acerca a hipótese levantada neste estudo. O objetivo principal deste estudo foi discorrer sobre a importância dos contos para o desenvolvimento de crianças no ensino infantil, porém ele discorre também sobre os contos como auxiliares da prática pedagógica docente, contribuindo para o trabalho do professor, além de propiciar a aquisição de conhecimento e enriquecimento da cultura tanto dos alunos quanto do próprio docente. Proporcionar a valorização dos contos de fadas e contos ligados ao folclore brasileiro também foi objetivo deste estudo. Contudo, concluímos que não basta simplesmente ler os contos para os alunos, é necessário que o professor os envolva na história, fazendo-os refletir sobre o que eles estão ouvindo, pois é dessa forma que o conto se torna um aliado do professor, auxiliando no desenvolvimento dos alunos, propiciando a ele a aquisição de conhecimento, enriquecimento de sua cultura, além da vivência do lúdico no âmbito escolar.

**Palavras-chave:** Contos, Desenvolvimento, Educação.

## **ABSTRACT**

Fairy tales and / or folk tales have been presented as important helpers of teaching with respect to improvement in cognitive development of kindergarten students. In this way it was intended to carry out a study on how the tales in fact contribute in cognitive development, as well as their contributions and influences on the child's actual development. Features a literature review were used as a basis studies Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich and others. In addition, this study deals with the importance of maintaining an orderly environment conducive to the development and acquisition of knowledge, in addition to proposing the teacher the use of alternative methods to discuss the stories in class, making an impact greater on children. The qualitative approach favors the interactions about theories, as well as a better reflection on the hypothesis in this study. The aim of this study was to discuss the importance of stories for the development of children in kindergarten, but he also talks about the tales as helpers of the teaching pedagogical practice, contributing to the work of teachers, as well as providing knowledge acquisition and enrichment of culture both students and the teaching itself. Provide the value of fairy tales and tales linked to the Brazilian folklore was also objective of this study. However, we conclude that it is not enough to simply read the stories to the students, it is necessary that the teacher involve them in the story, making them reflect on what they are hearing, because that's the way the tale becomes a teacher's ally, assisting the development of the students, allowing him to acquire knowledge, enrichment of their culture, as well as the playful experience in schools.

**Keywords:** Stories, Development, Education.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	12
<b>1. METODOLOGIA</b> .....	13
<b>2. O QUE SÃO CONTOS</b> .....	14
<b>2.1 A Origem dos Contos de Fadas</b> .....	18
<b>2.2 Folclore</b> .....	20
<b>2.3 Lendas Urbanas</b> .....	24
<b>3. ESTADO DA ARTE: UMA INCURSÃO NA LITERATURA</b> .....	27
<b>3.1 A Arte de Contar História</b> .....	27
<b>4. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	31
<b>4.1 Espaços Escolares</b> .....	34
<b>4.2 Contação de História como Instrumento na Educação Infantil</b> .....	37
<b>CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema contos de fada na educação infantil que pretende realizar um estudo sobre como os contos contribuem no desenvolvimento da criança, pois através das histórias visitamos o passado em busca de origens e de acontecimento sendo vivenciado no presente. Abordando a importância de contar história na sala aula, de que forma o professor pode fazer a contação de história, pois ao ouvir histórias abrem caminhos para descoberta e compreensão de mundo.

É abordada a importância de um espaço acolhedor e significativo que favoreça a aprendizagem, o estudo propõe como objetivo falar sobre o que é conto, dando ênfase em lendas urbanas e folclore.

Ao voltar no passado torna-se encantador relembrar os casos que eram contados pelo meu avô mesmo ele não sabendo que estes casos tinham o nome de lendas como: mula-sem-cabeça, lobisomem, mulher de branco, contava de forma que envolvia levando-me a sentir medo, emoções, sorriso, não sabendo que através desses sentimentos as habilidades estavam sendo desenvolvidas.

A fantasia dos contos de fada é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois são vivências que ficam marcadas na vida e se destacarão na fase adulta. Por isso é importante propiciar às crianças a criação de espaços, para que elas possam; exercitar, construir, registrar e imaginar.

Segundo Bettelheim (1980, p. 20), os contos de fadas são ímpares não só como uma forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para criança, como nenhuma outra forma de arte.

No entanto os contos proporcionam à criança a compreensão de mundo, enriquecendo-a, fazendo descobertas, comunicação além de sugerir experiências para desenvolver o caráter. Além de encantar, comover, estimular; através das histórias contadas às crianças se identifica mais fácil com os problemas dos personagens mergulhando com prazer no faz de conta, levando a criança a ser otimista confiar na vida.

Assim enquanto diverte a criança os contos de fadas as esclarecem sobre si mesmas e favorece o desenvolvimento de sua personalidade, ou seja, a criança resolve seus conflitos internos quando adentra no mundo do imaginário. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer

justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1980, p. 20).

Sendo assim os contos possibilitam o despertar de diferentes emoções, pois a criança entra em contato com seu mundo interior; alcança equilíbrio percebe o mundo e a realidade que a cerca.

## JUSTIFICATIVA

Justifica-se o tema proposto pela importância que os contos exercem no desenvolvimento da criança de forma rica por meios que são proporcionados, como conhecer nossa cultura através do folclore; por ser uma arte que possui grande repertório a ser trabalhado na educação infantil de forma lúdica e prazerosa levando o aluno a desenvolver sua aprendizagem pela apreciação da leitura onde através da mesma possibilita às crianças situações diferentes enriquecendo seu vocabulário.

Um professor que gosta de ler terá mais condições de despertar, nos seus alunos interesse e o prazer pela leitura do que aquele que lê ou prestigia muito pouco as aulas de literatura (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 86).

O que leva a analisar que os contos é um suporte que proporciona vários meios a serem trabalhados para que esse desenvolvimento aconteça de forma significativa o professor como grande mediador precisa ter gosto pela leitura, conhecer, investigar a literatura a ser narrada, pois só assim as crianças terão oportunidade de ampliar e enriquecer seus conhecimentos.

E assim pretende alcançar os seguintes objetivos:

Geral:

- Reconhecer a importância dos contos de fada para educação infantil, suas contribuições no desenvolvimento infantil, emocional e cognitivo da criança;
- Refletir como está sendo inserido e a história em sala de aula, tendo cuidado de selecionar uma literatura significativa, imagens que atrai as crianças, através das cores um ambiente agradável, que de oportunidade a criança, ampliar e enriquecer a sua experiência, possibilitar que ela aprenda brincando no mundo da imaginação;
- Promover um mundo fantasioso das histórias emocionantes das cantigas, brinquedo folclóricos danças.

## 1. METODOLOGIA

Para concretização e enriquecimento foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, pois conforme Minayo (2001).

“A investigação qualitativa é caracterizada como aquela que preenche algumas características principais: a pesquisa qualitativa trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e nos fenômenos que não pode ser reduzidos a operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 14).

Sendo assim a busca por informações a serem compreendidas, contando com as abordagens de grandes autores da literatura como: Bruno Bettelheim (1980); Nelly Novaes Coelho (1997); Carlos Rodrigues Brandão (1982); Fanny Abramovich (1991); Vânia Maria Resende (1997) e outros. Para concretização e enriquecimento optei pela mesma tendo como suporte a utilização de livros, artigos, tese, site possibilitando a fundamentação sobre o tema: o que é conto, suas contribuições, a importância dos contos no desenvolvimento da criança e a possibilidade das resoluções de conflitos.

A aprendizagem lúdica através do folclórico inserido na educação infantil, a contação de história de forma prazerosa diversificada, percebe que são ferramentas que abrangem o psicológico da criança, conhecimentos teóricos que trarão embasamento de considerações que envolvam o processo educativo proporcionando desenvolvimento, imaginação, socialização construção de identidade e autonomia.

## 2. O QUE SÃO CONTOS

Os contos nada mais eram que narrações de relatos de fatos, conflitos, entretenimento no qual as pessoas se refugiavam, fugindo dos seus afazeres sendo assim implica retornar instantes essenciais para cultura literária do ocidente.

Segundo Moura e Cambeiro (2013, p. 07), em 1812 surgiram à primeira edição do primeiro livro de coletânea de narrativas elaboradas pelos Grimm, a obra foi publicada de acordo com espírito romântico de resgate das origens e saberes populares, sendo assim conhecida como antologia dos contos de fada e de lendas.

A antologia dos Grimm, sem dúvida, marca a passagem de um discurso sineta do exclusivamente pela oralidade para uma cristalização no discurso literário, o que abriu caminho à criação de novas fábulas, ou melhor, de uma nova forma de fabulação, os chamados contos artísticos (MOURA e CAMBEIRO, 2013, p. 07).

A partir dessa antologia novos caminhos e novas criações foram abertos, propiciando assim caminhos para que outros contribuíssem para o incremento dessa forma de narrativa por meio de imaginação.

Através da iniciativa dos Irmãos Grimm, figuras/personagens tais como Senhora Holle, Gata Borralheira, Bela Adormecida, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outras, romperam as fronteiras do mundo germânico e se propagaram por solo europeu, além de singrarem os mares alcançando o Novo Mundo (MOURA e CAMBEIRO, 2013, p. 08).

Com isso, abriu-se a possibilidade de diálogo e, por consequência, formou-se uma das bases para os estudos comparativos entre as lendas populares de diversos povos, mostrando semelhanças e diferenças, que auxiliam no entendimento do substrato antropológico e psicológico que permeia tais histórias.

Para Moura e Cambeiro (2013, p. 08), a literatura que dá voz às personagens encantadas, quer seja através das falas de deuses esquecidos há milênios ou de tramas que se destinam ao público infanto-juvenil, não pode ser mais classificada como menor.

As autoras enfatizam tem de ser considerada a força capaz de revelar os arquétipos das essências humanas e ensinar a arte de encantar que nos leva a exercitar a capacidade imaginativa, proporcionando maior interação com mundo.

De acordo com Coelho (1997, p. 20),

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite identificar favorecendo a aceitação de situações desagradáveis ajuda a resolver conflitos, acenado com a esperança, agradam a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância da vida, descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar arte à vida.

Portanto através dos contos vários sentimentos podem surgir como emoções, ter esperança, oportunidades de escolha, capacidade como observação, imitação e imaginação, criar hipótese para solução de problemas, através da visualização recriação criam se situações que satisfaça seu interior.

Sendo assim Coelho (2000, p. 16),

Ao estudarmos a história das culturas o modo pela quais elas foram sendo transmitida de geração a geração, verificamos que a literatura oral ou a literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a tradição que nos cabe transformar, tal quais outros fizeram, antes de nós, com valores herdados e por sua vez transformados.

No entanto recebemos uma tradição que nos cabe preservar, transformar e passá-las adiante, seja através da oralidade ou escrita, pois, não há outra forma tão eficaz de conhecer o mundo como a literatura, pois ela preserva a tradição e a cada dia se refaz ou se reinventa.

Ainda de acordo com Coelho (2000, p. 16), as narrativas começaram a ser desenvolvidas nos momentos em que os homens se depararam a necessidade de entender, por consequência de explicar o mundo ao seu redor como exemplo: eles pensavam que os relâmpagos eram armas dos deuses, as águas seriam controladas por sereias ou determinadas árvores ou plantas teriam surgido de algum ato mágico entre outros vários mitos criados pelo homem primitivo.

Sendo assim o homem necessitava entender o que acontecia ao seu redor, foi ai que surgiu o desejo de buscar explicação dos significados, e através desses registros que atravessaram fronteiras temos o privilégio de conhecer as histórias dos nossos antepassados.

De acordo com Cavalcanti (2002, p. 20),

[...] apesar da sua dificuldade de explicar todos os fenômenos que ocorriam no imprevisível mundo selvagem, tais como chuva, o vento, a chegada do dia, da noite, o nascimento das plantas, as rochas, as águas, os animais, enfim o infinito dentro e fora dele mesmo, o período imerso na oralidade desde a articulação dos primeiros sons guturais até a invenção da escrita marcou profundamente o percurso do homem. Diante da necessidade o conhecimento teve que ser transformado para que os fenômenos fossem compreensíveis, tornando se um marco na vida das pessoas transformando em narrativas.

Para que não houvesse dúvidas, insegurança e que todos esses fenômenos fossem compreensíveis o homem passou a desenvolver sua linguagem, fez se necessário percorrer caminhos para que todas essas origens chegassem até nós e somos capazes de simbolizar isso nos transportará para outras dimensões.

“Os contos de fadas são narrativas, com ou sem fadas, que se desenvolve dentro de uma magia feérica; o eixo central dessa narrativa refere-se a uma problemática existencial em que o herói busca realização que esta relaciona á união homem mulher” (RADINO, 2003, p. 171).

Sendo assim a busca pela realização faz com que o homem ao ouvir essas narrativas maravilhosas se identifique com os personagens, pois fazem parte do seu cotidiano.

Carvalho (2009, p. 14), o conto maravilhoso é uma história que segue padrões narrativos, pois mesmo surgido e difundido oralmente, ele segue elementos literários, é uma criação artísticas construídas por meio de algumas fórmulas, sem perder o colorido ou ser simplista, ordinário, vulgar.

A autora ainda fala que os contos possuem características que os une em uma mesma categoria como qualquer movimento artístico. Portanto o conto mesmo vindo de uma tradição antiga ele não se tornou ingênuo mais transformado por esta literatura que nos encanta.

“O conto reflete a realidade, o cotidiano em uma escala assim bem mais reduzida, mais que ainda diz muito a respeito das pessoas em formas psicológicas, históricas, sociais e culturais” (CARVALHO, 2009, p. 19).

A autora enfatiza que através do conto é mostrada a realidade no qual vivemos exemplo: alguma história começa com a morte da mãe ou do pai problemas angustiante que ocorre na vida real, indiferenças, perdas, sonhos, esperança, a busca por dias melhores.

Segundo Bettelheim (2002, p. 08), a criança precisa entender o que se passa dentro do seu inconsciente.

No momento que a criança adquire a compreensão ela é capaz de se reorganizar, dar uma melhor direção a sua vida.

De acordo com o autor a criança precisa entender os problemas psicológicos, decepções, rivalidades abandonar suas dependências obter um sentimento de autovalorização após só assim ela vai adquirir essa compreensão.

“O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças [...], os contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo do seu amadurecimento emocional” (COELHO, 2000, p. 54).



Através das histórias que são contadas ilustradas, objetivas os contos abrem caminhos para imaginação proporcionando encorajamento desejo de vencer.

Segundo Coelho (2000, p. 55),

“O que a criança encontra no conto de fadas são na verdade categorias de valor que são perenes. A criança é levada a se identificar com herói bom e belo, não devido a sua bondade ou beleza por sentir a própria personificação de seus problemas infantis desejo de bondade e de beleza a necessidade de segurança e proteção”.

Portanto os contos são uma fonte constante de mensagens que vão de encontro à necessidade da criança alimentando fantasia sonhos um enriquecimento organização de seu drama que arrastam para realidade familiar.

Os contos de fadas, outrora narrados ao pé da lareira para afugentar o tédio dos afazeres domésticos, foram transplantados com grande sucesso para o quarto das crianças, onde florescem em forma de entretenimento e edificação (TATAR, 2004, p. 10).

Sendo assim os contos surgiram e cresceram entre pessoas simples, através de narrativas edificantes e com o passar do tempo evoluíram tornando-se importantes instrumentos, daí os contos passam a constituir um grande e poderoso legado cultural transmitindo de geração a geração fornecendo mais que prazer.

Os contos além de divertir proporcionam a criança um desenvolvimento tanto intelectual emocional.

Sendo assim, Bettelheim (1980, p. 199), afirma que os contos de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente através das imagens à única que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. “Essa e a forma dos contos de fadas exprimirem pensamentos através de imagens marcantes que leva a criança usarem sua própria imaginação” (BETTELHEIM, 1980, p. 199).

O autor nos ajuda compreender que a partir do momento que a criança tem contato com os contos as imagens que são proporcionadas, vão mostrando caminhos, a serem seguidos, mesmo a criança não tendo alcançado a maturidade no momento em que ela se encontra diante de um livro ela é atraída pelas imagens, cores sendo transportada para diversos mundos da imaginação.

É possível perceber que desde a antiguidade o conto de fada vem encantando tanto as crianças como adultos, sendo assim Coelho refere ao valor dos contos. “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada

geração, são redescobertos e voltam a encontrar leitores ou ouvintes de todas as idades” (COELHO, 2008, p. 27).

“O conto tem se revelado como a forma privilegiada da literatura popular e da infantil exemplo: O chapeuzinho Vermelho registra um momento significativo na vida da menina: ir à casa da vovó; desobedecer á proibição da mãe, ao seguir pelo caminho em que poderia encontrar o lobo, esse fragmento de vida, como é fácil notar, pertence a um todo às normas de comportamentos de uma comunidade que procurava preservar seus jovens das ameaças de uma fera que vivia por ali” (COELHO, 2008, p. 71).

Sendo assim nos leva a entender que a mãe queria proteger a filha, mesmo assim ela tomou uma decisão indo para outro lado, do qual sofreu consequência; não é diferente na atualidade as escolhas a serem feitas, os lobos da vida a serem enfrentados.

Ao ouvir história as crianças sentem encorajadas a enfrentar a realidade futura, segundo Bettelheim (1980, p. 14), “os contos transmitem forma múltipla à criança, que a luta contra dificuldades é inevitável, é parte da existência humana, mas se ela não se intimidar, mas defrontar com as opressões dominará obstáculos e será vitoriosa”.

Os contos se apresentam como obra de arte, pois oferecem significados a diferentes níveis, é impares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis pela criança como nenhuma outra forma de arte.

Portanto a criança não deve se prostrar diante da dificuldade, mas ter ousadia para enfrentar os conflitos.

Corso e Corso (2006, p. 33), afirmam que:

“Histórias não garantem a felicidade nem sucesso na vida, mas ajudam; são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade, quanto mais variadas e extraordinárias for situações que elas contam, mais se ampliará a grama de abordagens possíveis para os problemas que nos aflige. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados se tivemos a broca, o alicate ou a chave de fenda, além disso, com essas ferramentas podem criar, construir e transformar os objetos e os lugares”.

Referente à citação acima as histórias vem como exemplos e significados diferentes para cada pessoa e a reação será de acordo com suas necessidades, as histórias mostram caminhos a ser seguidos para vencer.

## **2.1 A Origem dos Contos de Fadas**

A literatura registra que os contos são histórias oralmente transmitidas de geração a geração que com passar do tempo foi sendo modificada e considerada uma literatura atraente para criança e adulto.

Segundo Coelho (2000, p. 173), o conto é de natureza espiritual ética e existencial originou se entre os celtas, com heróis e heroínas, cuja aventura estava ligada ao sobrenatural, o mistério do além da vida e visavam à realização interior do ser humano. Daí a presença da fada cujo nome vem do termo latim “Fatum”, que significa destino.

Os contos surgem de uma tradição oral, relatos, crenças, aventuras com o passar do tempo foi sendo transformado.

Segundo Farias e Rubio (2012, p. 01), na França o conto surgiu sob a iniciativa de Charles Perrault (1628-1703), ao contrário do que possa ser pensado Perrault não criou narrativas de seus contos, mas editou, para que se adequassem. Foram as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantas e serventes que forneceram a matéria prima para estes contos.

De acordo com a citação acima surge uma preocupação com a literatura infantil, vindo então em uma linguagem modificada com a descoberta das fadas, que para eles seria a idealização de mulher perfeita surgiu necessidade de utilizar tais histórias.

Comprova-se que as fadas tiveram origem comum em função do próprio termo que as designa: “fada”. Sua primeira menção documentada em textos novelescos foi em língua latina: fata (oráculo, predição), derivada de fartum (destino, fatalidade). Nas línguas modernas: fada (português), fata (italiano), fée (francês), fairy (inglês), feen (alemão) e hada (espanhol) (COELHO, 2009, p. 78).

As fadas eram conhecidas como seres fantásticos, seres imaginários apresentados sobre forma de mulher, com poder.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças.

Segundo Bettelheim (1980, p. 54), um mito, como uma estória de fadas podem expressar um conflito interno de forma simbólica e sugerir como pode ser resolvido, mas esta não é necessariamente a preocupação central do mito.

Sendo assim ele apresenta seu tema de forma majestosa; transmite uma força espiritual; e o divino está presente e é vivenciado na forma de heróis sobre humanos que

fazem solicitações constantes aos simples mortais. Por mais que nós, os mortais possamos empenhar em ser como estes heróis, permaneceremos sempre e obviamente inferiores a eles.

## 2.2 Folclore

Em Brandão (1982, p. 23), a palavra folclore, grafada inicialmente folk-lore fora formada a partir das velhas raízes saxônicas em que folk significa povo e lore saber, assim, segundo o seu criador a nova palavra significaria sabedoria do povo ou lendas brasileiras.

Em 1951, foi redigida a carta magna do folclore brasileiro em tal documento define se folclore como estudo dos fatos.

De acordo com a Comissão Nacional de Folclore (1995), este é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicional, dinamicidade, funcionalidade.

Sendo assim criação baseada em suas tradições podendo ser criadas coletivamente, ou individual, maneiras de pensar agir e sentir de um povo que preserva sua tradição através da espontaneidade a atualidade, e forma de transmissão.

Os fatos folclóricos surgem como expressão da experiência de vida de um povo que se contrapõem a moda a ciência ainda que alguns fatos folclore tenham origem nesses campos.

Segundo Mendonça (2008, p. 44), eles apresentam surgimento espontâneo, que não significa que sejam anônimos, em muitos casos pode se identificar a pessoa ou o grupo que criou fato folclórico.

No entanto à medida em que os fatos folclóricos vão sendo transformados os nomes de quem o criou, muitas vezes pode ser identificado ou não. Depende de como a comunidade absorve, o folclore é adquirido e divulgado no dia-a-dia, na prática da vida social, pois sempre vai estar em constante mudança.

Della Monica (1989, p. 25), ressalta:

“O fato folclórico esta na sua ou na minha casa, nas ruas, nos escritórios, nas redações nos jornais, nos teatros, nas tevês. ele esta junto da gente, mas às vezes não compreendemos bem ou nos envergonhamos dele”.

De acordo com a citação acima o fato folclórico se faz presente em todos os momentos cada um com sua forma de manifestar possuindo seu valor simbólico ao seu modo de

exercitar. Para que haja compreensão é preciso levar em conta os fatores regionais como religioso, econômico, políticos.

O folclore pode tornar interessante promovendo resgate na escola pela abordagem de valores. “Crenças saberes na forma de lendas, mitos, canções, quadrinhas populares, entre muitas outras manifestações” (MENDONÇA, 2008, p. 40).

Através dessas manifestações trabalhadas na sala de aula leva os alunos a conhecerem suas tradições, vivenciar culturas diferentes ter uma participação ativa no processo da aprendizagem.

O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão sensível ao seu ambiente, porém não há como identificar os compositores das cantigas de roda, já que elas não têm sua autoria identificada e são continuamente modificadas, adaptando-se à realidade do grupo de pessoas que as cantam. Contudo, é preciso notar que em vários pontos do País, as crianças já se apropriaram de toadas locais para as suas rodas, cantando-as, porém, com um caráter próprio (CASCUDO, 2001, p. 240).

Portanto, sendo o folclore uma arte de criar e recriar são inúmeras cantigas interpretadas por vários compositores que vão sendo modificados e adaptados à realidade do grupo e não importando a autoria através delas ampliamos nossos conhecimentos.

Poesia a parte, se o folclore é isso, talvez não seja difícil de se compreender, pois para Brandão (1982, p. 23), “sempre que cante a uma criança uma cantiga de ninar, sempre que se use uma canção, adivinha, parlendas, fábulas contos populares ai veremos o folclore em seu próprio domínio em ação vivo e mutável”.

Várias são as formas que se pode visualizar o folclore, seja através da música, contos, ele sempre vai estar presente na vida do homem.

Sendo o estudo do folclore fundamental para caracterizar a formação cultural de um povo.

Pereira (2009, p. 05), pode-se dizer que o estudo do folclore, planejado, selecionado, bem trabalhado contribui para formação cultural e patriótica um povo.

O folclore proporciona várias contribuições ao se trabalhar na escola desde que seja planejado com objetivos para que haja entendimento.

Pereira (2009, p. 07),

Cita um exemplo de uma prática a ser trabalhada, a dança na escola, onde poder ser trabalhado expressões corporal a criança aprende conhecer e lidar com as dificuldades, ampliando sua criatividade, liberdade.

Portanto, através dessas manifestações a criança amplia seu mundo com novos conhecimentos através de culturas diferenciadas e desenvolve sua expressão corporal, conhecendo as manifestações de forma prazerosa.

Segundo Pareyson (2001, p. 137),

“O conceito de tradição é um testemunho vivo do fato de que as duas funções, do inovar e do conservar, só podem ser exercidas conjuntamente já que continuar sem inovar significa apenas copiar e repetir, e inovar sem continuar significa fantasiar no vazio, sem fundamento; e, além disso, exige criatividade e obediência ao mesmo tempo, porque não pertencemos a uma tradição se não a temos em nós, e ela não tem propriamente outra sede a não serem aqueles atos de adesão que a reconhecem na sua eficaz realidade, e não é possível agregar-se uma tradição sem já modificá-la na sua verdadeira natureza e torná-la operante na sua real atividade”.

De acordo com a citação acima é preciso transformar sem serem esquecidas as raízes, levar em conta o que já sabe ampliando o conhecimento e não viver de fantasia sendo assim tanto conservar e inovar caminha junto, pois reúnem na formação do povo ensinamentos antigos e novos.

O folclore culturalmente está enraizado na alma da comunidade, é um modo de ser, de ensinar saberes popular.

De acordo Sousa (2013, p. 09), o folclore é o encontro entre a realidade e o mundo imaginário, entre viver e o ensinamento de um povo; o folclore está enraizado na alma da comunidade, e um modo de ser, de ensinar e aprender os saberes populares, mas também o saber, erudito certo que o folclore não ensina completamente, mas se investiga e se vive.

Portanto, o folclore deve ser revivido através de manifestações da realidade através de inovações sem deixar de lado sua cultura de origem.

Para Sousa (2013, p. 09), fala que nesse sentido, o conjunto das manifestações, saberes populares credices do povo pode ser traduzido como vertente do folclore brasileiro; ele ainda ressalta que a vivencia das manifestações populares torna se importante para a compreensão do significado folclore no conhecimento da variedade das manifestações culturais à medida que os saberes populares vão constituindo a partir do encontro entre o povo e seus a fazeres.

Para Reno e Brunelli (2006, p. 02),

“Não existe povo sem cultura sem ela o povo inexistente, a cultura popular esta imersa na personalidade de cada um, naturalmente envolvido com as atitudes mais simples e relacionadas ações mais complexas”.

Todos nós trazemos lembranças de pessoas mais velhas alguns costumes as crenças, as danças, ritmos, arte sem essas características seria impossível à cultura popular sobreviver ao tempo e a globalização.

Para Brandão (1982, p. 34), a criação do folclore é pessoal alguém fez, em um dia de algum lugar e a produção ao longo do tempo cai no chamado domínio público, o folclore vive do que se cria conhece e reproduz ainda que durante algum tempo os autores possam ser conhecidos.

Brandão (1982, p. 35), ainda destaca:

São propriamente folclóricas as toadas, contos, lendas, mitos, saberes que no decorrer de sua própria reprodução de pessoa a pessoa, de geração a geração foram incorporado ao modo de vida ao repertório coletivo da cultura, no ponto de vista dinâmico o folclore pode abrir campos mais amplos da cultura popular a cultura feita praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida dos povos.

Para o autor cada pessoa faz o folclórico e através da criatividade dependera seu sucesso.

Sendo assim Brandão (1982, p. 39), escreve que o ser humano é basicamente criativo e recriador e os artistas populares que lidam com o canto, a dança, o artesanato modifica continuamente aquilo que um dia aprenderam a fazer; são regras humanas de criar, fazer de novo, refazer, inovar, retomar o antigo e a tradição.

O ser humano é um ser criativo por isso vive em constante recriação em busca de descobertas. “O folclore é um momento de cultura é aquilo que não foi ele, há um século e meio atrás, pode estar sendo ele agora” (BRANDÃO, 1982, p. 48).

Diante da afirmativa acima se entende que o que não foi talvez importante alguns anos atrás hoje com a inovação, com novas descobertas pode ser marcante para sociedade.

O folclore proporciona a criança amplo repertório de aprendizagem onde ela terá oportunidade de aprender brincando através de jogos, como amarelinha, cantigas de rodas e muitas outras que contribuem para o desenvolvimento.

Segundo Resende (1997), a expansão da vitalidade criadora da mente e ao amadurecimento de uma percepção sensível são fundamentais os estímulos favoráveis ao imaginário infantil.

Sendo assim Resende (1997, p. 122), “o repertório folclórico, a poesia, os contos fabulosos, a música fertilizam a fantasia e embalam a alma da criança, musicalidade, sintonizando-a num compasso lúdico, que é o da infância”.

Através das manifestações lúdicas a criança constrói, enriquece seu repertório, conhece outras culturas sem sair do lugar, desenvolve sua capacidade, habilidades a criança não só resgata tradição como da oportunidade as crianças usufruírem da sua riqueza, como também nutre a alma infantil.

Sendo assim Brasil (1998, p. 25):

“As brincadeiras que compõem o repertório infantil e que variam conforme a cultura regional apresenta-se como oportunidades privilegiadas para desenvolver as habilidades no plano motor, como empinar pipas, jogar bolinhas de gude, atirar com estilingue, pular amarelinha”.

Sabemos que são práticas que tem como objetivo levar a criança desenvolver seu potencial e a construírem repertório próprio.

Para Megale (2003, p. 132), o professor que tem um conhecimento do assunto pode tirar proveito dos fatos folclóricos tanto na sala de aula, quanto em atividade extracurricular, ele ainda prossegue dizendo que já é comprovada a importância e o valor do folclore na tarefa educativa, o folclore é como carro-chefe dos demais segmentos culturais, fonte inesgotável de importância.

Se compreender que é na escola um lugar privilegiado que pode ser divulgado e valorizado, todas essas memórias de grande importância tanto no ambiente escolar quanto no social estarão sendo protegidas e resguardadas para outras sociedades futuras.

### **2.3 Lendas Urbanas**

As lendas urbanas são histórias transmitidas que chegam como boatos de forma oral fazendo parte do conhecimento popular.

Segundo Lopes (2008, p. 01), a chamada lenda urbana chega com conversas, pessoas em quem confiamos ou não, através jornais sensacionalistas e também nos mais sérios, elas nos alcançam quando menos esperar, em alguns casos nos provoca espanto ou surpresa.

Geralmente algo que alguém ouviu e foi passando de boca em boca chegando de forma talvez assustadora e que ao rever os fatos nada do que foi dito aconteceu da forma que chegou até nós.

No entanto Lopes (2008, p. 13),

“A primeira definição para lendas urbanas poderia ser formular nos seguintes termos: são histórias que envolvem elementos ou situações banais



do cotidiano, mais que por seu caráter inusitado ou em muitos casos absurdos, provavelmente não aconteceram”.

Segundo o autor são contadas como verdade não que tenha acontecido com os próprios narradores que passam a notícia, mas alguém por eles conhecido assim as lendas nos cercam em todos os momentos.

As lendas podem provocar espanto ou surpresa, podendo gerar irritação incredulidade.

Lopes (2008, p. 01), nos dá um exemplo do seu primeiro contato com a lenda: diz que seu primeiro contato com a lenda urbana, embora não soubesse que na época essa historia chamasse lenda foi ao ouvir falar sobre “loira do banheiro” que assustava as crianças da escola, tratava se da aparição do fantasma de uma moça vestida de branco.

E possível notar como esse episódio provoca a reflexão, de como narrativas desse tipo permanecem constante nosso imaginário. As lendas são emergentes na medida em que seus significados mais elementares derivam de condições e papéis sociais determinados.

Para Ellis (2001, p. 10):

“As lendas fazem parte de uma discussão continua e estão sujeitas as contribuições, correções, comentários, objeções de outros participantes, deve ser vistas como parte de um evento comunitário em que o papel do público e tão importante quanto dos narradores”.

O que nos leva a entender que as lendas em uma conversa continua, onde as pessoas tem o direito de argumentar contestar dependendo do interesse da sociedade.

Segundo Dion (2008, p. 05), as lendas também são narrativas coletivas, vindo através de verdade e de apelo à autoridade que faz parte do conhecimento popular e da cultura informal.

Não é diferente nos dias atuais nos deparamos todo momento com informações verdadeiras ao mesmo tempo apelativas podemos dar exemplos como os cuidados ao uso de alguns produtos, assim comparamos as lendas que circula oralmente.

Dion (2008, p. 05):

A lenda urbana assemelha-se também com o rumor, enunciado a partir de uma informação não confirmada, mas transmitida como verdade. Gênero curto, efêmero, instável e não narrativo baseado sobre uma crença relativa. São rumores que chegam verdadeiros ou não mais capazes de despertar a curiosidade.

Dion (2008, p. 03) comenta sobre a lenda tradicional é uma narrativa, uma fabulação que revela certa subjetividade tendo por pano de fundos fatores reais, históricos reveladores

do fantástico do sobre natural e do extraordinário; em continuação ele dá um exemplo de lendas urbanas que se refere: “A Carona”,

Uma vez, em uma estrada muito perigosa, em uma noite muito chuvosa um caminhoneiro já perto do seu destino, vê uma mulher com uma capa de chuva amarela pedindo carona. Sensibilizado com o sofrimento da mulher, resolve ajudá-la, era uma moça bonita e simpática, chegando ao local indicado pela moça ela agradeceu o motorista, logo ao sair, o motorista reparou que ela havia esquecido a capa de chuva no caminhão como estava por perto resolveu voltar para devolvê-la, bateu a porta da casa viu sair uma senhora de uns 60 anos, boa noite minha senhora, eu dei uma carona para a Ana, e ela acabou esquecendo essa capa no meu caminhão, poderia entregar a ela por gentileza? Com lágrimas nos olhos a senhora responde: Por favor, meu senhor, não brinque com essas coisas, a minha filha Ana morreu a cinco anos atrás atropelada, numa noite, muito chuvosa igual a essa quando tentava voltar para casa.

Para autora assemelha ser uma lenda verdadeira tendo final surpreendente acredita-se nela como verdadeira predominando elementos religiosos, sobrenaturais, apoiando-se nas crenças e nos medos atuais sendo um relato anônimo uma história vivida, curiosa horrível ou extraordinária onde é apresentada várias formas surpreendentes.

### 3. ESTADO DA ARTE: UMA INCURSÃO NA LITERATURA

Nos capítulos anteriores percebe que o ato de contar histórias existia há muito tempo, narrada pelos nossos antepassados que se tornaram importantes guardiões da cultura popular, passando de geração a geração chegando até nós tornando essenciais para nossa compreensão, sendo assim Busatto afirma:

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias (BUSATTO, 2003, p. 20).

Considerando que a arte de contar história é de um ritual antigo onde crianças e adultos ouviam histórias contadas pelos sábios o quais transmitia sabedoria para gerações.

Nessa perspectiva serão pesquisados através de teses, artigos, documentos a importância da contação de história como tem sido a visão dos autores atuais a respeito do presente assunto percorrendo pela importância de narrar, prática do professor, sendo ele de total importância como mediador a propor meios que despertem a criatividade, autonomia, conhecimento de mundo e a contação de história como meio de enriquecer o seu desenvolvimento na educação infantil.

#### 3.1 A Arte de Contar História

Contar história é importante para as crianças, as histórias narradas com eficiência e contextualizada de acordo com a faixa etária permite aquisições em diferentes níveis desenvolvendo cognitivo e imaginário. “Narrar estaria intimamente relacionado com nossa faculdade de intercambiar experiências do mundo dos artificios, do feito a mão, é que provem a arte da narrativa” (RUBIRA, 2006, p. 15).

Diante da afirmação podemos entender que seria a ligação do homem com o mundo e com outros homens sendo assim trocas de experiência, contar uns aos outros seus feitos possibilitando descoberta, ouvir história é a possibilidade libertaria.

Para Prieto (1999, p. 41):

“Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória”.

Prieto pontua é de grande responsabilidade e importância da narração feita pelo professor neste momento, pois ele está sendo um porta voz daqueles que no passado obteve esta arte. E que hoje relembra em exercício da arte da memória, recuperando narrativas populares resgatando momentos tão importantes.

Segundo Rubira (2006, p. 16), o contar história em sala de aula é uma prática que apresenta alguns equívocos como a hora do conto e tida simplesmente como momento de sossego com certa frequência, resumindo-a como meio de calar e imobilizar os seus inquietos alunos com suas narrativas.

Portanto, para a autora momentos que pode ser entendido como atividades sem objetivos a intenção e fazer com que o aluno fique quieto, tornou se rotina. A história é apenas lida não há contextualização levando a criança ficar praticamente condicionada.

Nas palavras de Sisto (2004, p. 03):

Ser ouvinte de uma história é assumir uma condição especial. Especial se considerarmos que este é também um momento de revelação. E o que ouvinte espera, do narrador, neste momento, é que haja entre eles uma correspondência direta de emoções e sensações (SISTO, 2004, p. 03).

Ressalta-se aqui que o ouvinte, ou seja, a criança espera algo que encante que por alguns minutos esqueça-se de tudo que se passa ao seu redor e entra em um mundo de fantasia, por isso o vínculo entre contador e ouvinte precisa estar em constante renovo o qual seja no momento de narração ser capaz de transportar-nos pra outros lugares e para outros tempos.

A oralidade do contador contemporâneo, manifestada através de seu desempenho, persegue o processo de composição artística de diferentes fontes e influências. Neste sentido, podemos referenciar, entre outros elementos, o seu repertório, o seu modo de contar e ainda a sua maneira de estabelecer relações com seu público (PATRINI, 2005, P. 175).

Na visão do autor a história só vai ter significado se houver um desempenho por parte do contador, ou seja, se houver o planejamento: escolhas de literatura significativa, leitura

sobre a obra com antecedência, o gostar de ler, pois a maneira de como ele vai transmitir vai para o interior do receptor levando toda essa influência.

A narrativa nos deixa aberto o leque de possibilidades de caminhos, segundo Rubira (2006, p. 10), na arte da narração de um conto tradição oral é tão importante quanto o que se diz, pois uma bela e construída estória pode ser arruinada se quem narra não souber respeitar como deve ser conduzida. Ou seja, o contador dá a vida ao texto narrado ou lido.

Por possuir características estéticas requer cuidados, torna-se um trabalho articulado que requer percepção, apreciação; para que ao narrar proporciona qualidade ao receptor.

Sendo assim Rubira (2006), fala o quanto esse objeto artístico tem a oferecer as estórias de tradição oral por consideradas em sua tonalidade como cada um dos elementos que compõem metáfora que pode acordar para novas possibilidades.

A autora nos ajuda compreender que este é um material rico para uma educação de sensibilidade. Não é difícil imaginar os homens pré-históricos, reunidos em torno de uma fogueira ao final de um grandioso dia de caçada, ao contar uns aos outros seus feitos.

Rubira (2006, p. 14), a autora exemplifica que esses feitos ficariam na memória perpetuados pelo hábito de contá-los e recontá-los por gerações.

Sendo assim o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.

A contação de histórias é uma atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real.

Para Rodrigues (2005, p. 04):

Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 04).

Portanto através da atuação se produzem valores, a atuação passa se decidida na formação e no desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Meireles afirma (1979, p. 41):

O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida (MEIRELES, 1979, p. 41).

Para autora contar história tem sido um hábito, que vem passando de geração a geração selecionando suas experiências uma relação de troca entre contador e ouvinte.

Ler uma narrativa literária [...] é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano. (MACHADO, 2002, p. 77).

Para o autor quando há um encontro com texto literário tudo é possível, processo de criação descoberta, amplia seu conhecimento um sentido vivido com grande momento de gozo.

Sendo assim Rubira (2006, p. 19), por ser fonte inesgotável foram escolhidos para fazerem parte desse estudo do contar e ouvir história dentro de uma perspectiva da relação pedagógica.

Na visão da autora, prática milenar que subsiste até nossos dias, com uma forma de transmissão de conhecimento e cultura, entre várias civilizações como elemento facilitador de uma educação de sensibilidade, a literatura é a arte das palavras e como elemento artístico possui característica estética.

#### 4. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ato de contar histórias vem há muitos e muitos anos encantando crianças, adultos de todas as partes em diferentes lugares e diferentes culturas.

Segundo Ostteto (2007, p. 11), as histórias contadas na educação infantil são de encantamento, pois quando se fala em encantamentos fala-se tanto do maravilhar-se com as crianças e das possibilidades de trabalho no cotidiano educativo, quanto do descobrir as delícias de se fantasiar, de ler um conto de fada, ele ainda destaca encantamentos de educadoras que se põem o desafio de resgatar sua marca, seu desenho, sua palavra, seus desígnios, encantamento que são fruto de movimento de imaginar criar.

Encantamento que ocorre em busca de objetivos, a busca por literaturas que proporcionam momentos prazerosos, permitindo diferentes situações de aprendizagens, despertando sua curiosidade e ampliando seu conhecimento.

Para Frantz (2001, p. 16),

“A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”.

Portanto, é a literatura escrita por adulto mais que tem a intenção de transmitir um conhecimento usando a linguagem de acordo com sua visão adulta, tornando interessante a criança, tem a intenção de fazer com que ela adentre neste maravilhoso mundo da fantasia.

Sendo assim: Meireles (1984, p. 29),

“O livro infantil, se bem que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público”.

Assim nota-se que alguns escritores por ser público infantil escrevem texto de menor qualidade sem significação considerando a criança incapaz.

Segundo Paiva e Oliveira (2010, p. 30), os contos infantis despertam diferentes emoções e ampliações de visões de mundo, nesse encontro com a fantasia à criança entra em contato com seu mundo interior, dialoga com seus sentimentos mais secretos.

A criança vive intensamente o drama, as expressões dos personagens em um mundo imaginário permitindo reconhecer suas dificuldades.

A imaginação permite-nos desenvolver o pensamento criativo, fundamental para nossa inserção no mundo. Contudo, a escola pouco valoriza e trabalha a imaginação, como se ela fosse apenas resultado de uma racionalidade pouco desenvolvida na criança, como se, ao longo do processo de desenvolvimento, a imaginação fosse substituída pela razão, característica do pensamento adulto (GOUVEA, 2007, p. 125).

Levar a criança a ouvir uma história de forma prazerosa ela vai ser estimulada a curiosidade, novas informações, construindo novos conhecimentos.

Falconi e Farago (2015, p. 97), afirmam que através das histórias as crianças enriquecem com experiência desenvolvendo capacidade, o gosto literário e estimulam o interesse pela leitura também desenvolvendo a linguagem oral e escrita.

Um momento em que o conto consiste em seu poder, dando a criança oportunidade de simbolizar ou ajudar a criança a resolver seus conflitos, dando sentido aos seus sentimentos.

“Os contos falam ao inconsciente e através de imagem que vão conversar com bruxas, os monstros, os medos que estão assustando com auxílio das fadas, da espada mágica, as crianças adquirem forças para vencer, enquanto o problema inconsciente não é solucionado ouve ou lê a história até que resolve é esse um dos motivos que leva a crianças a pedirem que lhe contem várias vezes a mesma história” (PAVONI, 1989, p. 19).

Portanto, podemos notar que os contos falam direto ao inconsciente sem sermões, e se seus problemas ainda não foram solucionados ela vai querer ouvir a história várias vezes até apropriar-se da resolução de seus conflitos. Radino (2003, p. 171), esclarece quando a criança pede para contar mais uma vez a história é uma forma da criança apropriar de suas emoções e elaborá-las.

Por várias vezes a criança vai recontar a história através de brincadeiras, dramatizações só assim ela conseguirá expressar seus sentimentos que são de grande importância para sua vida interior.

De acordo com Sandroni e Machado (2000, p. 12), “a criança percebe desde cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”.

Pois ela se encanta através das imagens, seu colorido, suas formas e figuras. O gosto pela fantasia deve ser estimulado, pois mais tarde terão significados em suas vidas.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja.



A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados (CARVALHO, 1989, p. 21).

Portanto, este é o objetivo dos maravilhosos contos de fadas que atingem até nos dias de hoje com suas histórias fascinantes. O hábito de leitura e o gosto pela leitura estão relacionados ao cumprimento de um dever.

Villardi (1999, p. 11), “há que desenvolver o gosto pela leitura afim de que possamos formar um leitor para toda vida”.

Sendo assim teremos indivíduos resolvidos, capacitados, pensantes capazes de transmitir sua linguagem com eficiência.

Segundo Paiva e Oliveira (2010, p. 30), não é raro encontrar em famílias de pais leitores livros cuidadosamente guardados sendo que a criança impedida de manuseá-lo ou pais que investem na compra de livros porque não acompanham seus filhos em suas descobertas na leitura.

Diante da afirmação nos dias atuais essa realidade pode acontecer em ambiente familiar como também alguns ambientes escolares a criança não pode ao menos tocar no livro, pois vai rasgar, impedindo que ela se aproprie da leitura impedindo que ela se identifique a partir do seu manuseá-lo.

A literatura é uma arte que já foi incorporada á escola e na verdade deveria ser algo que todas as crianças deveriam ter acesso de forma espontânea e não como noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento (ABRAMOVICH, 1991, p. 140).

O gosto pela leitura começa pela exploração de um bom livro, não se torna perda de tempo mais uma construção através do tocar, folhear suas páginas, a criança vai conhecendo o mundo ao seu redor.

Ao ouvir o conto a criança se coloca no lugar da personagem deixando fluir seu imaginário indo a lugares mágicos permitindo que a criança sinta vontade de viver, de ser feliz.

Através das palavras de Coelho (2003), afirma: que os contos abrem espaço para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos.

A leitura deve vir com entusiasmo, com gosto pelo que está sendo transmitido. Cabe ao professor ser o intermediário só assim será desenvolvida com vigor.

Segundo Kleimam (2007, p. 15), “para formar leitores devemos ter paixão pela leitura”.

Cada vez que é lido um conto se foi importante à apresentação tornando significativa seremos capazes de passar horas ouvindo uma boa história. “Os contos de fadas são tão ricos que têm sido fonte de estudo para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse” (ABRAMOVICH, 1994, p. 121).

No entanto, diante da reformulação a literatura torna-se de grande importância respeitando as necessidades condizentes com a faixa etária através contribuições com seus vários elementos.

Abramovich (1997, p. 37) ainda destaca:

“Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta”.

Sendo assim um momento mágico onde envolve fantasia onde professores e alunos estabelecem um clima de cumplicidade, o aluno por ter o gosto por ouvir, e o professor por proporcionar meios de forma que seja significativa. Os contos são tipicamente mágicos envolvem seres encantados.

De acordo com Bettelheim (2002, p. 54), os contos de fadas, deixam todas as decisões ao nosso encargo, incluindo a opção se queremos chegar ou não a decisões. Cabe a nós decidir se desejamos fazer qualquer aplicação em nossa vida. Nosso prazer é o que nos induz a reagir segundo o tempo que estamos vivendo aos significados ocultos, na medida em que podem se relacionar.

Diante da afirmação, os contos de fadas não nos força a nada, são escolhas que cada um faz, através de suas mensagens nos mostra a realidade em que vivemos, despertando os sentimentos ocultos, preparando-nos para enfrentar os desafios que vão ser encontrados.

#### **4.1 Espaços Escolares**

Organizar o espaço escolar leva, antes de tudo, conhecer o grupo de crianças que será inserida no ambiente em que possa proporcionar estrutura interna, externa que atenda as crianças de acordo com as suas necessidades.

Segundo Barbosa e Horn (2001, p. 73), torna importante o educador observar o que as crianças brincam como se desenvolve as brincadeiras; é fundamental para que a estruturação espaço temporal tenha significado.

Diante de todos esses aspectos é fundamental ter um olhar que abranja todos os aspectos citados e que as atividades ao serem realizadas não se tornam monótonas.

Barbosa e Horn (2001, p. 73), destacam:

“O espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais.” Sendo assim o autor ressalta a importância do espaço, pois a criança tem sua percepção centrada no corpo espontaneamente com seu desenvolvimento corporal.

Segundo Vieira (2009, p. 16), “a forma de educar as crianças pequenas nos dias contemporâneos vai se evoluindo, há algumas décadas as crianças viviam sua infância nos quintais e nas ruas, sempre longe do olhar dos adultos hoje as crianças vivem sua infância em creches e pré-escola”.

A criança encontrou seu lugar tendo seu espaço para brincar, estudar compartilhar experiências, ganhando novas condições de aprendizagem.

Conforme Barbosa e Horn (2001, p. 67),

Organizar o espaço do dia a dia da criança é pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é antes o resultado da leitura que fazemos do grupo de crianças, a partir de suas necessidades; torna se importante o educador conhecer às preferências das crianças, as brincadeiras, os espaços em que gostam de ficar.

Sendo assim deve-se fazer uma leitura sobre o grupo que ocuparão aquele ambiente, se o planejado atenderá a esse público de acordo com as necessidades. “É fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado, ao lado disso, também é importante, considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverá lhe dar suporte” (BARBOSA e HORN, 2001, p. 67).

Um espaço que seja acolhedor onde buscam conhecer e atender suas necessidades habilidades, espaços que asseguram as diferentes formas de brincar, possibilitando que a brincadeira seja vivida como experiência.

Conforme Rinaldi (2002, p. 77):

“O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie uma ação e uma reflexão. Uma escola ou uma creche é um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço as relações”.

Com essa ideia a organização do espaço, as relações a serem construídas e materiais a serem utilizado tem papel fundamental na aprendizagem, não somente materiais, mais o respeito uns aos outros onde a democracia torna se existente, aí sim torna-se um ambiente rico em aprendizagens.

Segundo Brasil (1998, p. 58), à organização dos espaços e dos materiais se constitui em instrumentos fundamentais para prática educativa com crianças pequenas. Isso implica que para cada trabalho realizado com as crianças, deve se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala.

Sendo assim a organização como montagem de ambientes novos, cantos, as mobílias sendo de acordo com o tamanho das crianças, o ambiente podem favorecer as relações, interações e aprendizagem.

O olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala.

Horn (2004, p. 15), o olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula o modo de como organizar, a forma de como criança e adultos ocupam esses espaços.

Os espaços de nossa infância nos marcam profundamente. Sejam eles berço, casa, rua, praça, creche, escola, cidade, país, sejam eles bonitos ou feios, confortáveis ou não, o fato é que influenciam definitivamente nossa maneira de vermos o mundo e de nos relacionarmos com ele. (CAMARGO, 2008, p. 45)

A autora enfatiza que os espaços deixam marcas podendo influenciar a maneira de ver o mundo ao nosso redor, sendo ele organizado torna um elemento educativo proporcionando estímulos, criatividade experiências significativas.

[...] o ambiente “fala”, transmite sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes (FORNEIRO, 1998, p. 233).

Portanto, a escola deve ser um espaço organizado, pois, através dele a criança se apropria e relaciona os diferentes símbolos que há na escola.

Segundo Vieira (2009, p. 16),

“O espaço socialmente organizado para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças deve tornar possíveis inúmeras mediações, qualitativamente diferentes. A escola de educação infantil e seus diferentes espaços físicos internos e externos compõem parte significativa do processo de ensino e aprendizagem das crianças pequenas”.

No entanto é importante pensar em um espaço que proporcione um ambiente rico e variado que possibilite que as atividades sejam vividas com experiências atendendo as expectativas.

Para Barbosa e Horn (2001, p. 75), para cada espaço deve-se criar identidade alguns exemplos são citados: espaço para jogos tranquilos, espaço para brinquedos de manipulação, jogos de movimento, portanto a organização depende dos objetivos alçados.

Segundo Galardine e Giovannini (2002, p. 118),

“A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a montar a concentração fazê-la sentir se parte integrante do ambiente e da lhe uma sensação de bem estar”.

No entanto é importante que o espaço favoreça autoconhecimento, o desenvolvimento de habilidades afetivas, cognitivas, composto por ambiente que crie novos saberes e novas experiências.

#### **4.2 Contação de História como Instrumento na Educação Infantil**

Contar história é uma árdua tarefa, não é apenas pegar um livro, mas preparo treino e acima de tudo ter consciência de sua importância.

De acordo com Lima (2014, p. 01), as histórias provocam vários sentimentos às pessoas principalmente nas crianças que são involuntariamente envolvidas com diversas sensações entre elas: alegria, fantasias, curiosidade que inconsequentemente dão as crianças o prazer e o gosto pela leitura possibilitando os a afundar o mundo através dos conhecimentos que são repassados pelas literaturas.

Portanto a capacidade de imaginar faz com que a criança crie habilidades de entendimento e compreensão. “Os educadores deve compreender e vivenciar prazeres junto às histórias, nas funções lúdicas e cognitivas, criando novas formas para trabalhar o conto, tanto com o texto ou imagem, o concreto ou verbal, a literatura e as demais linguagens artísticas e as produções” (LIMA, 2014, p. 04).

No entanto cabe ao educador trabalhar com práticas diversificadas sendo assim essas novas linguagens vão se associar a história.

Sendo assim, Coelho (1996, p. 50) afirma:

Contar história e arte, por conseguinte requer tendência inata uma predisposição, latente em todo educador; ela ainda relata que o contador precisa estar consciente de que a história que é importante, ele é apenas o transmissor deixando as palavras fluírem contar história é uma prática, que chega produzir do narrador uma catarse dos conflitos mais ricos.

A autora enfatiza em sua obra que precisa haver disposição, preparo e estar por dentro do assunto, se a história vai ter significado para ela, pois através da mesma a criança vai ampliar seus conhecimentos.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias, [...]. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1993, p. 16).

A partir daí a criança começa a desenvolver seu potencial crítico, onde ela começa a questionar, a criança entra em contato com uma riqueza de informação.

Ter acesso a uma boa leitura é dispor de uma informação cultural.

De acordo com Brasil (1998, p. 143),

“A leitura de histórias é uma forma para que a criança possa conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”.

Pois ao ouvir história ela vai conhecendo o mundo em que vive, amplia seu vocabulário enriquece seus conhecimentos.

Sendo assim Lima (2014, p. 04), destaca:

Portanto, deve-se estar atentos para que os educadores e a escola se fortaleçam e busquem essa verdadeira importância do ato de contar histórias para que, junto aos alunos, alcancem resultados sólidos de aprendizagem e realização. Diante das diferentes formas de ensinar, o aluno consegue criar e recriar de forma crítica, novas concepções que lhes ajudarão a vencer na vida, ultrapassar seus obstáculos como cidadãos conscientes e críticos.

De acordo com a autora a contação de história precisa ser fortalecida, planejada e ao contar surgem efeitos tornando-as crianças críticas e pensantes.

“A história com valores educacionais imensuráveis excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar visto que, além das crianças gostarem muito de ouvi-las, existe uma imensa variedade de temas e exige poucos recursos materiais para sua aplicação” (DOHME, 2000, p. 12).

Portanto, diante da afirmação um bom momento para usar essa ferramenta pode acontecer na roda de leitura além de não exigir muitos recursos vai proporcionar momento de interação levando a criança ter uma intimidade com o livro.

“A leitura pelo professor é parte de uma estratégia que tem por objetivos promover a compreensão, por parte dos alunos, das funções sociais da escrita, ampliar seu repertório linguístico, familiarizar-se com diferentes textos, autores, levá-los ao assumir um comportamento ao leitor e reconhecer a escrita como forma da representação da realidade” (TOLEDO, 2011, p. 46).

Sendo assim o professor é parte fundamental para que esse objetivo aconteça, pois seu desafio é mediar, é estar sempre em busca de conteúdos que sejam trabalhados de forma prazerosa.

Chegavam ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Para a autora esse momento de ouvir história torna-se mágico, pois, todos são envolvidos na fantasia onde tudo pode acontecer.

[...], todavia a contação de histórias exige uma preparação quando realizada na escola. Não se pode pegar um livro ao acaso [...]. O livro escolhido deve ser amado pelo contador, pois só assim haverá sintonia entre ambos e o resultado será o melhor possível para aquele momento, atraindo a atenção da plateia (RITER, 2009, p. 88).

Diante da afirmação, o contador precisa ter envolvimento com a leitura, ser um leitor, ter o cuidado de preparar com antecedência a história a ser lida e selecionar literaturas significativas utilizar recursos criativos para o enriquecimento.

[...] para criança, não se pode contar história de qualquer jeito, pegando primeiro livro que se vê na estante e ai no decorrer da leitura demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra ou com várias, empacar ao

pronunciar um nome de um determinado personagem ou lugar, que não percebeu o jeito que o autor construiu sua fase (ABRAMOVICH, 2005, p. 18-20).

Por isso autora ressalta através de suas palavras que o livro deve ser lido bem antes sentir como nos emocionou ou nos irritou, que ao narrar passe histórias verdadeiras. “O conto infantil é uma chave que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral” (CARVALHO, 1989, p. 18).

Sendo assim a história abrange todas as áreas abrindo portas para uma formação contínua. Cada história pode se desenvolver de forma diferente tornando-se mais viva.

Assim explica Taham (1957, p. 12) que:

Nem sempre a história é narrada em certos casos à história poderá ser dramatizado como teatro infantil, teatro de fantoches, teatro de marionete [...]. Pois segundo a autora a história torna mais rica e interessante podendo cativar as crianças já no primeiro contato existe características para bons contadores.

O teatro é uma forma lúdica na educação infantil e uma maneira da criança interagir na educação infantil.

Segundo Santos e Santos (2012, p. 02), o teatro é um importante recurso didático pedagógico para o desenvolvimento da criança, proporcionando experiência para crescimento integral da criança.

Sendo um caminho a seguir onde a criança possa ser criativa e interagir de forma participativa.

Para Reverbel (1997, p. 25), o ensino do teatro torna fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas.

Portanto torna-se importante à didática e a prática caminhar juntos contribuindo para o desenvolvimento dos alunos.

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só a função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da influência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio (BRASIL, 1997, pág. 84).



Pois na escola a criança é estimulada a explorar o mundo, compartilhar, conviver com a diversidade.

O teatro e os jogos são entendidos como recursos.

Santos e Santos (2012, p. 05), comenta que eles proporcionam para as crianças o prazer quando está brincando, como também ensinam e educam quando são instigadas propositalmente por seus educadores no auxílio do desenvolvimento de certas habilidades em salas de aula.

Segundo as autoras a utilização desses recursos pedagógicos leva a analisar contribuições para o desenvolvimento intelectual.

Segundo Santos e Santos (2012, p. 06):

Assim ao utilizar o jogo teatral na educação infantil, o educador estará contribuindo para o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural do educando, por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, nessa perspectiva está caminhando para o campo do ensino-aprendizagem, criando condições para a construção do conhecimento.

Portanto, para as autoras são muitas as contribuições: como introduzindo as propriedades do lúdico, organização, liderança controle pessoal são desenvolvidos, e o docente e toda comunidade deverão conhecer compreender a importância de tais instrumentos.

## CONCLUSÃO

Contar histórias tornou-se um caminho promissor e uma possibilidade interessante a ser trabalhada na Educação Infantil.

Os contos e histórias tornaram-se grandes aliados do trabalho docente no que tange o auxílio no desenvolvimento cognitivo do aluno, bem como sua aquisição de conhecimento.

A busca pelo conhecimento é algo natural do ser humano, e com isso, desde muito cedo buscamos formas e meios de entendermos cada vez mais sobre o mundo em que vivemos e seus componentes, sejam eles físicos ou não.

Ouvir uma história torna-se algo encantador quando o contador faz-nos envolver no mundo de fantasia que ela nos traz. E isso acaba se tornando um grande diferencial no trabalho do professor que segue essa linha de trabalho com seus alunos.

A vivência do lúdico no ambiente escolar é algo muito importante para o desenvolvimento do aluno, principalmente nos níveis, anos e ciclos iniciais de sua escolarização.

Busca-se então um melhor aproveitamento do lúdico para auxiliar na transmissão de conhecimento do professor para os alunos, com isso incluem-se nas aulas os contos.

Os contos trabalhados de maneira lúdica e muitas vezes contados de maneiras alternativas faz com que o aluno se envolva na história, refletindo sobre o que ele está ouvindo, além de enriquecer sua cultura.

Dessa maneira, os contos acabam se tornando aliados da prática docente, auxiliando o professor no trabalho que envolve desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural dos alunos.

As origens dos contos faz com que os alunos compreendam suas próprias origens, e as origens de seus antepassados, fazendo assim com que eles descubram e compreendam sua própria história.

Além disso, os contos em geral expressam algumas lições de vida, vividos pelos personagens, o que acaba gerando algum impacto na reflexão que o aluno faz sobre aquela história.

Através do estudo foi permitido compreender que os contos de fadas dão suporte ao aprendizado, além de ser uma forma agradável de aprender e de fazer com que a criança ganhe alguma experiência, viva situações reais que o faz de conta propicia, além de conhecer valores culturais ampliando sua visão de mundo.

No entanto, o professor, como mediador deve ter alguns cuidados, ao narrar história. É preciso que ele tenha intimidade com a leitura, saber qual o objetivo que pretende alcançar, a faixa etária para qual cada leitura é indicada, que público almeja alcançar, que ao narrar seja de forma dinâmica, criativa, para que facilite e enriqueça esse momento.

Entende-se que para que a criança sinta o desejo de ouvir histórias é preciso que o professor proporcione momentos em que o aluno sinta o prazer em estar em contato com a literatura, por isso, ele deve planejar, organizar o ambiente, rever suas práticas, para que os resultados sejam significativos.

Outro aspecto importante foi compreender que contar história não é apenas abrir um livro e ler palavras, mas sim despertar curiosidade, estimular sua imaginação. Pois contar e escutar história são o início de aprendizagem, descobertas e compreensão de um mundo.

Para que essa aprendizagem aconteça torna necessário um ambiente acolhedor que seja aconchegante favorecendo um espaço onde a criança ponha em prática sua imaginação sua arte de criar e recriar.

Através da pesquisa foi permitido compreender que os contos de fadas é um suporte em proporcionar diversas formas de aprender, levando a criança ter experiência, viver situações reais que o faz de conta propicia, através do conto a criança poderá conhecer valores culturais ampliando sua visão de mundo.

Assim foi possível compreender que trabalhar os contos de fada na educação infantil traz grandes benefícios, permitindo que a criança navegue em um universo de emoções, descobrindo o gosto pela literatura e se despertando para um mundo de ludicidade.

Com isso concluímos que os contos de fadas são considerados grandes aliados da educação, ajudando a compreender as origens e auxiliando no presente e nas situações cotidianas dos alunos e auxiliando o professor na transmissão de conhecimento e desenvolvimento nos níveis iniciais de escolarização.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2005.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, E. P. S. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRAGATTO FILHO, P. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRANDÃO, C. R. **O que é o folclore**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense Coleção Primeiros Passos, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. **Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil**: introdução. Brasília: MEC/SEF, v.1, 1998.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CAMARGO, P. Desencontros entre Arquitetura e Pedagogia. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano VI, n. 18, p. 44-47, nov. 2008.

CARVALHO, B. V. **A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica** – 6ª Ed. São Paulo: Global, 1989.

CARVALHO, R. Z. Contos de fadas: um percurso histórico-literário das imagens da mulher. 2009. 142f. **Dissertação** (Pós-graduação em Estudo Comparado de Literatura de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, São Paulo, 2009.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10<sup>o</sup>. Ed. São Paulo: Editora Global, 2001.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, B. **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade**. São Paulo. Ática, 1996.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil – Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil: Teoria Analise Didática** (6. a. ed.) São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. **O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos**. 1. ed. – São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. **O conto de fadas: símbolos mitos arquéticos**. São Paulo: Paulinas, 2009.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. Carta do Folclore Brasileiro. Salvador: CNF, 1995. Disponível em: < <http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf> >. Acesso em 10 out. 2015.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DELLA MONICA, L. **Manual do folclore**. São Paulo: Global, 1989.

DION, S. A LENDA URBANA: Um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. **Boitatá-Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL ISSN 1980-4504**. Londrina: GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL número 6, p. 01-13–ago-dez de 2008. Disponível

em:<<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/lenda%20urbana%20Sylvie%20Dion%20ok.pdf>>. Acesso em: 01/12/2015.

DOHME, V. D'Â. **Técnicas de contar histórias**. 8. ed. São Paulo: Informal Editora, 2000.

ELLIS, B. **Aliens, ghosts, and rituals: legends we live**. Jackson: University Press of Mississippi, 2001.

FALCONI I. M.; FARAGO A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2 (1): 85-111, 2015. Disponível

em:<<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FARIAS, F. R. A.; RUBIO, J. A. S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n.1, p. 01-13, 2012.

FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALDA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. -3ª Ed. Ijuí -RS, Ed. UNIJUI, 2001.

GALARDINI, A.; GIOVANNINI, D. Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 117-131.

GOUVEA, M. C. S. A criança e a linguagem: entre palavras e coisas. In. PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; CORRÊA, H.; VERSIANI, Z. (Orgs.). **Literatura Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale, Autentica, 2007.

HORN, M. G. S. Sabores, cores, sons, aromas. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 11ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

LIMA, M. D. **A utilização dos métodos de recursos visuais na contação de histórias para as crianças surdas** - Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Departamento da Faculdade de Educação (FACED) - O USO DA IMAGEM NÃO-VERBAL NO PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS SURDAS - p. 01-08 - 2014. Disponível em: < <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/827.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

LOPES, C. R. Em busca do gênero lenda urbana. **Revista Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 8, n. 2, 373-393, p. 01-16, 2008.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MEGALE, N. B. **Folclore brasileiro**. 4. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

\_\_\_\_\_. **Problemas da literatura infantil** – 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MENDONÇA, V. L. O Folclore como instrumento de motivação para o ensino de Zoologia na escola. 2008. 282f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências Universidade São Paulo, São Paulo, 2008.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

MOURA M.; CAMBEIRO D. 200 anos dos Contos Maravilhosos dos Irmãos Grimm Magias, encantamentos e metamorfoses Fabulações modernas e suas expressões no imaginário contemporâneo - Comunicações livres Rio de Janeiro - APA - Rio- 2013 - 200 Anos dos Contos Maravilhosos dos Irmãos Grimm (1. :2013 : Rio de Janeiro) Magias, encantamentos e metamorfoses: fabulações modernas e suas expressões no imaginário contemporâneo: comunicações livres - **Anais...** do simpósio - Rio de Janeiro : ApaRio, 2013. 100 p. ISBN 978-85-65350-03-7. Disponível em: <  
[http://www.apario.com.br/neu/pdf/MOURA\\_CAMBEIRO\\_200\\_Anos\\_Contos\\_Maravilhosos.pdf](http://www.apario.com.br/neu/pdf/MOURA_CAMBEIRO_200_Anos_Contos_Maravilhosos.pdf)>. Acesso em 27 nov. 2015.

OSTETTO, L. E. Entre a prosa e a poesia: fazeres, saberes e conhecimento na educação infantil. In: PILLOTTO, S. (org.). **Linguagens da arte na infância**. Joinville/SC: Editora UNIVILLE, 2007 (p. 30-45).

PAIVA, S. C. F.; OLIVEIRA A. A. A Literatura Infantil: no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010 ISSN: 1982-4440.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. **Literatura infantil: voz de criança**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003. (série princípios).

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PATRINI, M. L. **A renovação do conto: Emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

PAVONI, A. **Os contos e os mitos no ensino: uma abordagem junguiana**. São Paulo: E. P. U, 1989.

PEREIRA, J. S. N. **Cultura popular brasileira: dança folclórico, o processo de ensino-aprendizagem por meio da tecnologia multimídia**. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009.

PRIETO, H. **Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança**. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI.

RADINO, G. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RENO D. P.; BRUNELLI L. G. P. Folkcomunicação Hereditária: A Transmissão das Tradições entre as Gerações Paulistas. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação INTERCOM SUDESTE 2006 – XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ribeirão Preto, SP - 22 a 24 de maio de 2006. Jornalista, mestrando do Programa de Pós Graduação da Umesp – Universidade Metodista de São Paulo.

Disponível em: <  
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105747406535229881737063657349233387541.pdf>  
 f>. Acesso em: 25 nov. 2015.

RESENDE, V. M. **Vivências de leituras e expressão criadora**. Editora Saraiva, 2º edição, 1997.

REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

RINALDI, C. Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (Org.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 75-80.

RITER, C. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

RUBIRA, F. P. Contar e ouvir estórias: um diálogo de coração para coração acordando imagens. 2006. 219 f. **Dissertação** (Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2006.

SANDRONI, L.; MACHADO, L. R. **A criança e o livro**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2000.p.12.

SANTOS A. N.; SANTOS A. N. - UFC O TEATRO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ESCOLA PÚBLICA XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas - 2012 - Junqueira&Marin Editores Livro 3 - p.005452 - 2012 - 12p. Disponível em: <  
[http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acervo/docs/3252p.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3252p.pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2015.

SISTO, C. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.

SOUSA, I. V. Monteiro Lobato e o folclore: uma análise de o sítio do pica pau amarelo como comunidade de valorização e vivência das manifestações tradicionais culturais e folclóricas - **Anais...** XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013. 10 p.

Disponível em:  
 <[http://www.labpac.faed.udesc.br/monteiro%20lobato%20e%20o%20folclore\\_ivan%20vale%20de%20sousa.pdf](http://www.labpac.faed.udesc.br/monteiro%20lobato%20e%20o%20folclore_ivan%20vale%20de%20sousa.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2015.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

TATAR, M. **Contos de fadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TOLEDO, M. H. R. O. **Aprender...com quem? Um diálogo em construção**. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2011.



VIEIRA E. R. A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural 2009 125f. **Dissertação** (Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) - UNESP - campus de Marília – Marília, 2009.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.